

ao Lapa-escritor. Mesmo sabendo que as duas faces são indissociáveis, preferimos novamente a face de sombra do artista à celebrada obra pictórica e o projeto discreto duma escrita ímpar que continua por ler e reconhecer entre nós.

Apesar disto, o nosso espetáculo não é uma adaptação reverencial dos textos de Álvaro Lapa. Autorizam-nos, pelo contrário, a reorganizar os elementos de origem e a relacioná-los com motivos aparentemente longínquos ou com assuntos da atualidade, para melhor nos aproximarmos do núcleo vital de uma obra insubordinada que afirma um olhar frontal sobre a trivialidade do quotidiano e as vicissitudes da vida portuguesa, aspira à emancipação das formas instituídas e exalta a aventura humana da experiência direta do mundo.

*Raso como o Chão* propõe um duelo entre as duas vozes opostas numa radicalização da polifonia do texto de Lapa. Uma cantora e um conferencista são os antagonistas e as figuras complementares do *pathos* (a sensação) e do *ethos* (a razão), respetivamente. Toda a nervura do espetáculo vive da alternância entre as duas vias de “interpretação” do texto: a leitura, a dramatização e a encarnação pela “cantora”; e a análise, a explicação e a crítica pelo “conferencista”.

A mesa, que Álvaro Lapa repetia dever ser “lugar de transformação”, é uma das paragens do nosso trabalho e quase poderia ser um piano que acompanha a Ana, como o guarda-sol poderia ser o sol alentejano ou um guarda-chuva. Tanto a mesa como o guarda-sol poderiam ainda ser o monte em que se enterra a Winnie de *Happy Days* de Samuel Beckett. Ou talvez não.

Quase sem cenografia, quase sem figurinos, quase sem sonoplastia, recorreremos a um escasso número de elementos cénicos e a um rudimentar desenho de luz para que a nossa reunião com a plateia se concentre nas palavras de Lapa, ditas pela Ana e por mim, à luz do que pressentimos e imaginamos nesta Europa e no novo século.

Ler um texto em cena pode também ser isto: criar as condições justas e suficientes para pensar em voz alta, expor o caminho acidentado da descoberta intelectual e sensual dos textos que temos em mãos, na alegria duma experiência que se refaz a cada noite, diante da comunidade provisória que é a assembleia de um teatro. *Raso como o Chão* fala de homens livres que recuam para junto de rios vivos para aí melhor verem e viverem. São comunidades de resistência cultural como a que Lapa e Bravo ensaiaram em Lagos. Hoje, as comunidades de resistência voltam a ser lugares desejados onde possamos fazer tábua rasa das ideias feitas e do medo das velhas histórias e encontrar chão arável onde possamos renascer todos os dias. Todas as noites. Esperamos, honestamente, que este *Raso como o Chão* – espetáculo de teatro como a Ana e eu o desejámos – seja um lugar cantante, um rio vivo que arraste consigo “uma grande razão”, como a exigida por Mário Cesariny, outro autor terrível e tão caro a Álvaro Lapa!

## amigos

**Allegro** BMC CAR • Dão • Quinta do Perdigo • Tipografia Beira Alta, Lda. • **Andante** Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco • João Carlos Osório de Almeida Mateus • PsicoSoma • **Adágio** Amável dos Santos Pendilhe • Ana Luísa Nunes Afonso • Ana Paula Ramos Rebelo • António Cândido Rocha Guerra Ferreira • Armanda Paula Frias Sousa Santos • Benigno Rodrigues • Carlos Dias Andrade e Maria José Andrade • Farmácia Ana Rodrigues Castro • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Geraldine de Lemos • Isabel Maria Pais e António Cabral Costa • Isaías Gomes Pinto • José Luís Abrantes • José Gomes Moreira da Costa • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Fátima Rodrigues Ferreira Moreira de Almeida • Maria de Lurdes da Silva Alves Poças • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Miguel Costa e Mónica Sobral • Nanja Kroon • Pastelaria Doce Camélias, Lda • Paula Nelas • Paulo Jorge dos Santos Marques • Pedro Miguel Sampaio de Carvalho de Tovar Faro • Pieter Rondeboom e Magdalena Rondeboom • Teresa da Conceição Azevedo • Vitor Domingues • **Júnior** Ana Mafalda Seabra Abrantes • Ana Margarida Rodrigues • Beatriz Afonso Delgado • Brígida Caiado • Carla Filipa Seabra Abrantes • Diogo Rafael Teixeira Ascensão • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Gonçalo Teixeira Pinto • Júlia Pereira Arede Oliveira Costa • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa.



### TEATRO VIRIATO | CENTRO DE ARTES DO ESPECTÁCULO DE VISEU

Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Ana Cláudia Pinto *Assistente da Direção* • Maria João Rochete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos, Pedro Teixeira e Rui Cunha *Técnicos de Palco* • Marisa Miranda *Imprensa e Comunicação* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • Fátima Domingues e Raquel Marcos *Receção* • Paulo Mendes *Auxiliar de Receção/Vigilância* • **Consultores** Maria de Assis Swinerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Bruno Marques, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Diogo Almeida, Franciane Maas França, Francisco Pereira, Joana Tarana, João Almeida, Luis Figueiral, Maria Carvalho, Margarida Fonseca, Neuza Seabra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral e Vânia Silva.

Colaboração Técnica som luz imagem

teatroviriato

estrutura  
financiada por:



Próximo espetáculo



CAFÉ-CONCERTO / FOYER

13 MAR

SAMSARA

de TIAGO SOUSA

qua 22h00 | 60 min.  
preço único 2,50€  
m/ 12 anos

teatroviriato

TEATRO  
09 MAR'13

# RASO COMO O CHÃO

criação e interpretação ANA DEUS  
e JOÃO SOUSA CARDOSO  
a partir da obra homónima de ÁLVARO LAPA



# RASO COMO O CHÃO

## A RASURA, A RAZÃO, CANTO CHÃO

Por João Sousa Cardoso

O lugar do teatro não tem sido o nosso espaço natural de trabalho. E é exatamente por esta razão que a Ana Deus e eu nos apresentamos em cena perante quantos nos vieram ver, ouvir e acompanhar ao longo de uma hora de leituras, canto e comentários a partir de *Raso como o Chão* de Álvaro Lapa. Queremos, nesta noite, desviarmos das condições habituais em que cada um de nós tem investigado as possibilidades da palavra, do gesto e da imagem, e atravessar o território incómodo duma tradição alheia, desembaraçando-nos do saber construído e experimentando o limite das formas e, sobretudo, o da nossa capacidade.

Na companhia de Joaquim Bravo e António Palolo, com os quais constituía o afamado “grupo de Évora”, Álvaro Lapa espalhou a sua atividade da pintura e do desenho à escrita, empenhando-se numa conquista que nos deixa em exemplo: a liberdade que a todos assiste de fazermos com as mãos, os nervos e a cabeça segundo o impulso e a ideia que nos cruzam o espírito, conquanto vejamos neles matéria traduzível e útil.

Avesso às formas tradicionais de aprendizagem, contestando a habilidade técnica, a disciplina e a especialização, desconfiando do “bem feitinho”, do bom feito e do academismo, tanto quanto das noções conformes a cada tempo do que deverá ser o vanguardismo, Lapa materializou na sua pintura (numa manifesta simpatia por Robert Motherwell) e na sua escrita (influenciado pela *beat generation*) os testemunhos vivos de um labor incandescente nascido da experiência desenvolvida de mediações e duma atividade criativa fundamentada na vivência dos dados imediatos. Por esta razão também, o nosso *Raso como o Chão* é – como tinham sido *O Bobo*<sup>1</sup> e *A Carbonária*<sup>2</sup> – um trabalho desalinado, autodidata e urgente.

O Bobo foi um espetáculo incendiário a partir da obra homónima de Alexandre Herculano, numa reação bruta à brutalidade que historicamente o poder político reserva às artes em Portugal; enquanto *A Carbonária* resultou no ensaio *goyesco* que adaptava *Porque Morreu Eanes* de Álvaro Lapa, num momento em que o país debatia o regicídio e celebrava o centenário da República. A exigente experiência em torno dos textos de Lapa (descontínuos, repetitivos, labirínticos) encorajou-nos, a mim e à Ana, a recuar à obra anterior a *Porque Morreu Eanes* e primeira do escritor: *Raso como o Chão*.

Publicado em 1977, *Raso como o Chão* é uma coleção imperfeita de textos avulsos, escritos de um só jorro pelas mesas dos cafés no Porto. E, como todas as obras iniciais, ambiciona produzir tese: Álvaro Lapa acerta contas com o país que sobrou da Revolução de 1974 tanto quanto com a história pessoal feita da memória da prisão da Évora natal, do isolamento cultural (chamar-lhe-á “o deserto”) e da castração do indivíduo pela educação, no Portugal da ditadura. Com isto e sem otimismo, *Raso como o Chão* é uma obra transbordante de desejo.

*Raso como o Chão* vive de um ritmo sincopado e de sucessivas rasuras, do fio de uma voz que constantemente deriva noutras vozes contraditórias ou, ao invés, duma voz que irresistivelmente se coloca travão a si mesma, deixando ideias em aberto, interrompendo linhas de pensamento e explorando a tensão particular da sugestão, do fragmento e do inacabado.

Pela natureza heteróclita dos escritos (ensaio, texto biográfico, relato anedótico e informação, num jogo associativo assente no recorte e na colagem) e pela grande resistência que oferece à oralidade, *Raso como o Chão* desafiou-nos a tornar a dificuldade no motor da transfiguração do texto e trazeremos para o anfiteatro este “monólogo de um pastor”. Como foi nossa escolha em *A Carbonária*, mantemos o Lapa-pintor à distância para nos dedicarmos

<sup>1</sup> *O Bobo* (2006): criação e interpretação de João Sousa Cardoso, António Preto Leão e Daniela Paes Leão, a partir da obra homónima de Alexandre Herculano. Estreia na La Générale, Paris, dezembro de 2006. Apresentações em Paris (Universidades Paris VIII/Saint-Denis, Paris X/Nanterre e Paris IV/Sorbonne), em dezembro de 2006. Em Portugal, teve representações em Lisboa (Teatro Taborda), Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), Porto (Estúdio Zero), Guimarães (Centro Cultural Vila Flor) e Guarda (Teatro Municipal da Guarda), entre janeiro e fevereiro de 2007.

<sup>2</sup> *A Carbonária* (2008): criação e interpretação de João Sousa Cardoso, Ana Deus e António Preto Leão, a partir de *Porque Morreu Eanes* (1978) de Álvaro Lapa. Estreia no Teatro Municipal de Bragança, em novembro de 2008. Teve apresentações em Lisboa (Casa Conveniente), Porto (Estúdio Zero), Coimbra (Oficina Municipal de Teatro) e Santarém (Teatro Sá da Bandeira), entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009.

70 mín.  
m/ 12 anos

Imagens e comentário

João Sousa Cardoso

Leitura e canções Ana Deus

Produção Três Quatro Lente